

## A memória da educação anarquista e suas expressões por meio de fontes documentais primárias em um Centro de Memória da Educação

Luciana Eliza dos Santos<sup>1</sup>

*The memory of anarchist education and its expressions through primary documentary sources in an Education Memory Center*

*La memoria de la educación anarquista y sus expresiones a través de fuentes documentales primarias en un Centro de Memoria de la Educación*

### Resumo

Este texto discute os conceitos de “memória” e “história” no âmbito da temática educacional, com base em arquivos, Centros de Memória, museus e bibliotecas, buscando articular formação, informação e conhecimento. O artigo parte do caso do *Arquivo João Penteado*, organizado no Centro de Memória da Educação, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, e estabelece reflexões sobre o papel de arquivos, museus e bibliotecas diante das singularidades desse arquivo. Apresenta-se a trajetória de construção de um inventário analítico de fontes documentais, o qual é tematizado no contexto de organização de escolas racionalistas pelo movimento anarquista em São Paulo, promovendo uma reflexão sobre a relação entre memória, arquivos e movimento anarquista.

**Palavras-chave:** Arquivos; Centro de memória; Educação anarquista; História da Educação; Arquivos pessoais.

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação, Universidade de São Paulo (USP). E-mail: lucianaeliz@gmail.com

## Abstract

This text discusses the concepts of memory and history within the educational theme in archives, memory centers, museums, and libraries, seeking to articulate training, information, and knowledge. It starts from the case of the João Penteado Archive, organized at the Education Memory Center of the Faculty of Education of the University of São Paulo and establishes reflections on the role of archives, museums and libraries in the face of the singularities of this archive. It presents the trajectory of the organization of an analytical inventory of documentary sources themed in the context of the organization of rationalist schools by the anarchist movement in São Paulo, promoting a reflection on the relationship between memory, archives, and anarchist movement.

**Keywords:** *Files; Memory center; Anarchist education; History of Education; Personal archives.*

## Resumen

Este texto discute los conceptos de memoria e historia dentro de la temática educativa en archivos, centros de memoria, museos y bibliotecas, buscando articular formación, información y conocimiento. Parte del caso del Archivo João Penteado, organizado en el Centro de Memoria Educativa de la Facultad de Educación de la Universidad de São Paulo y establece reflexiones sobre el papel de los archivos, museos y bibliotecas frente a las singularidades de este archivo. Presenta la trayectoria de la construcción de un inventario analítico de fuentes documentales tematizado en el contexto de la organización de las escuelas racionalistas por el movimiento anarquista en São Paulo, promoviendo una reflexión sobre la relación entre memoria, archivos y movimiento anarquista.

**Palabras clave:** *Archivos; Centro de memoria; Educación anarquista; Historia de la Educación; Archivos personales.*

## Introdução

*Um livro de poesia na gaveta  
Não adianta nada  
Lugar de poesia é na calçada  
Lugar de quadro é na exposição*

*Sergio Sampaio  
Cada lugar na sua coisa (1976)*

**A**s coisas intencionalmente contidas e guardadas nos lugares criados para conservar a memória tornam-se história por intermédio da experiência. “É preciso ter vontade de memória”, ao passo que “é a memória que dita e a história que escreve” (NORA, 1993, p. 22). Mas, o que faz o arquivo pulsar a vida que seus documentos contêm? Sabe-se que a conservação documental e material de objetos do passado depende da interlocução com os indivíduos e as interrogações do presente. Um documento nas mãos de um historiador, tal como um quadro numa exposição ou uma cena repetida inúmeras vezes em um palco permitem o sentido da vontade de memória, assim como os arquivos, os museus, as bibliotecas e os Centros de Memória focalizados neste artigo. Trata-se de uma tônica que envolve o sentido de acumular, conservar e abrigar o vínculo constante entre aqueles que se foram e os que chegam.

Desta maneira, os arquivos permitem elos entre pessoas, instituições e contextos históricos. O trabalho de conservar e contextualizar documentos alia memória à história. E assim, os arquivos podem ser compreendidos pelas marcas da memória de um indivíduo, mas também pelo funcionamento de uma instituição, uma vez que um e outro geram produto documental. Há situações em que uma vida se funde à existência de uma instituição, evidenciando a representação do indivíduo na totalidade de um arquivo institucional. Nesse sentido, o *Arquivo João Penteadado*, objeto de interpretação do presente texto, tem como composição um arquivo pessoal referente a conjuntos de documentos organizados e escritos pelo professor anarquista paulista João Penteadado (1877-1965) e, também, os arquivos institucionais das escolas que dirigiu ao longo de sua vida no contexto do movimento anarquista e educacional brasi-

leiro. Um arquivo como esse, quando direcionado fisicamente para um Centro de Memória, tem sua configuração inicial, anteriormente contextualizada pela memória familiar e pelo ambiente da escola, modificada e recebe novos significados. Os centros de documentação são espaços que proporcionam a conservação de documentos e objetos, a difusão da memória e a ação da Historiografia, atribuindo novos papéis à guarda desses documentos.

Ao se tratar da realidade social da instituição escolar, a organização de fontes documentais primárias em arquivos tem o especial significado de promover ações, como a pesquisa histórico-educacional, conservar a memória social da escolarização e criar um ambiente singular de formação inicial e continuada de professores. Os Centros de Memória são espaços que, ao exercerem a custódia de documentos, configuram-se, ao mesmo tempo, como “centros de difusão do saber, espaços culturais de formação ou ainda núcleos de coleta, preservação e transmissão de nosso patrimônio cultural”, conforme define Johanna W. Smit (1993), lembrada por Ana Maria Camargo e Silvana Goulart (2015, p. 1). Seguindo este lugar, os Centros de Memória da Educação têm, por sua vez, relevante papel na construção da memória educacional, conjugando pesquisa e extensão, frequentemente em contextos de ensino, como as universidades e as escolas. O conjunto arquivístico, que é objeto de atenção neste texto, está alocado no Centro de Memória da Educação, situado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, o que faz exercer tanto o diálogo com a memória institucional e a formação de estudantes no campo da História da Educação, quanto a base para muitas pesquisas a partir de fontes primárias da área e do anarquismo no Brasil.

### *Centros de Memória e a educação: a importância da organização documental*

Mesmo um lugar de aparência puramente material,  
como um depósito de arquivos, só é lugar de memória

se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. (NORA, 1993, p. 22)

Esta consideração, extraída do célebre texto de Pierre Nora, acerca dos lugares de memória dá luz às intencionalidades inscritas na percepção mnemônica e no ato de guardar documentos. Pode-se dizer que, na atualidade, os arquivos são espaços que abrigam o intuito da memória ao conservarem documentos gerados pelo passado e contextualizados pela atividade da história. Todavia, Aldabalde e Grigoletto (2016), recuperando Pierre Nora, tocam em um ponto importante para a discussão ao considerarem que arquivos e memória não são sinônimas:

Os registros, os documentos de arquivo e os arquivos podem vir a ser ativadores da memória, ao mesmo tempo em que aquilo que lembramos pode fixar-se no espaço/tempo do registro como ideia sobre um fato passado. Isso quer dizer que os arquivos são fontes/suportes/próteses para a memória e que a lembrança depende de bases materiais e elementos imateriais para perpetuar-se. Assim, constatamos que, em certa medida, o arquivo e a memória se acham em inter-relacionamento. (ALDABALDE; GRIGOLETO, 2016, p. 7)

Ao configurarem o eixo entre memória e história, cada vez mais pesquisas com fontes primárias permitem “ver o documento de arquivo para além de prova, como fonte para diversas análises tanto do seu conteúdo quanto no que diz respeito ao seu contexto de produção e suas informações implícitas” (LIMA, 2021, p. 275), ou seja, sua unicidade e indivisibilidade (cf. BELLOTO, 2007). A atualização tecnológica propõe novos caminhos para a caracteriza-

ção dos arquivos, assim como a relação com a memória, considerando os objetivos pautados no processo de arquivar, seja como motivação retrospectiva, vinculada ao passado, seja prospectiva, voltada para o futuro e alimentação do arquivo (HOFMAN, 2007, p. 191-226).

Em uma medida semelhante, outros espaços que ativam a memória, como os museus, as bibliotecas, os Centros de Memória, expõem os desafios da tecnologia e das formas de proporcionar a experiência mnemônica. Um fato a se observar é a interseccionalidade desses ambientes a partir da racionalidade, do ponto de vista organizacional e administrativo da gestão da informação, como observam Heloísa Liberalli Belloto (2007), Ana Maria Camargo e Silvana Goulart (2015), sobrepondo-se, muitas vezes, às especificidades metodológicas do trabalho histórico. Museus e centros de documentação, por exemplo, compartilham, em alguns aspectos, de estratégias de conservação documental, mas apresentam relações distintas com o público, mediadas pela pesquisa documental, num caso, e pela exposição temporária ou permanente de acervos, em outro. Nos centros de documentação, o investigador busca uma documentação específica, em uma jornada vinculada às características do conjunto documental, ao passo que um museu oferta ao seu público uma mediação discursiva, a partir da riqueza e diversidade de seus acervos. O público é sempre um leitor ávido e ativo, mas são relações peculiares e distintas. Assim, sugere-se que a intencionalidade que constitui organicamente esses espaços é decisiva em seus usos e sentidos como espaços de direito à memória. Tomando como pontos de convergência a intencionalidade e o direito, pode-se sugerir que

Os bons museus devem ficar cada vez mais parecidos com bibliotecas especializadas e com arquivos, da mesma forma que as boas bibliotecas e os bons arquivos devem tirar proveito da experiência dos museus. (ZORICH, 2008, *apud* CAMARGO; GOULART, 2015, p. 1)

Por meio da relação dialógica com o público, esses lugares podem permutar estratégias e finalidades diante dos espaços que ocupam na sociedade. Como

já observado, as formas de comunicação e gestão da informação mediadas pela tecnologia são fatores que interligam a caracterização desses espaços. Ainda assim, cabe reiterar que, embora os locais compartilhem sentidos e metodologias, as especificidades concernentes à custódia e à relação com o público são marcantes:

Os documentos de arquivo, produzidos em razão das atribuições de determinados organismos e das normas que regulam seu funcionamento, têm caráter necessário, ao contrário do que acontece no mundo das bibliotecas e dos museus, que abrigam documentos cuja criação prescinde de justificativas formais. [...] Se o termo documento é designativo comum de todo e qualquer registro suscetível de valor de prova, é preciso ressaltar que, nos arquivos, esse atributo não só alcança potência máxima como independe das construções discursivas que, sobretudo nos museus, a curadoria utiliza para justificar a exibição de grande parcela do acervo. (CAMARGO; GOULART, 2015, p. 2)

Nesse sentido, as formas de acúmulo e agrupamento documental que definem o destino de documentos para arquivos, museus ou bibliotecas marcam suas formas de utilização, o que é reforçado pelas condições de conservação a partir dos princípios arquivísticos de unicidade, proveniência, indivisibilidade e cumulatividade, como observa Heloísa Liberalli Belloto (2007, p. 25):

Organicidade é a “qualidade segundo a qual os arquivos refletem a estrutura, funções e atividade da entidade acumuladora em relação às suas funções internas e externas”. Proveniência é o princípio pelo qual os arquivos devem ser organizados, isto é, em obediência à competência e atividades da “instituição ou pessoa legitimamente responsável pela produção, acumulação ou guarda dos documentos, mantendo sua individualidade, não se devendo misturar documentos, enquanto produção/acumulação de origens diversas”. Unicidade

“a qualidade pela qual os documentos de arquivo, a despeito da forma, espécie ou tipo, conservam caráter único em função de seu contexto de origem. Entende-se por indivisibilidade ou integridade arquivística a característica derivada do princípio da proveniência segundo a qual um fundo de arquivo deve ser preservado sem dispersão, mutilação, alienação, destruição não autorizada ou acréscimo indevido”.

Mas, também, pelas construções discursivas que um espaço ou outro pode constituir:

Há todo uma transcendência no documento de arquivo que está na sua base, que está fora dele, há toda uma anterioridade jurídica e administrativa que o prepara no tempo, assim como dele emana também uma projeção para o futuro – e esses são os fenômenos que se situam muito além das palavras/signos de seu conteúdo. Um documento arquivístico é muito mais do que um suporte, um veículo e um conteúdo. [...] há sempre a presença de um fato e de uma manifestação de vontade que dão origem ao ato escrito. (BELLOTO, 2008, p. 26)

Nota-se, portanto, que a constituição do documento de arquivo, *a priori*, inscreve um ambiente que requer caminhos para sua guarda e contextualização, mediante o trabalho historiográfico. Tais premissas são muito importantes para o campo da educação como espaço de memória e formação humana, o qual precisa das referências do passado para se projetar, perceber e constituir saberes. Para a área educacional, os arquivos escolares, museus e bibliotecas também apresentam organizações e finalidades distintas e, ao mesmo tempo, dialógicas em muitos aspectos. São instituições que, focalizadas no campo da educação, expressam materialidades peculiares de representação da escola e das formas de experiência diante do conhecimento. A linguagem dos museus, contextualizada no trabalho com textos, peças e objetos escolares, expressa um importante caminho para a formação de professores, para a pesquisa, mas também para o contato com possíveis representações do fenômeno

educativo. Assim como as bibliotecas são um tipo inerente à forma escolar, inseridas na promoção de usos e comportamentos leitores por meio da materialidade do livro, dos suportes de leitura e da disponibilidade de repertórios.

Os museus, as bibliotecas e os arquivos proporcionam percepções sobre os documentos e sua aplicação em contextos ressignificados pelo presente, sendo que a forma dialógica e interseccional efetua possibilidades de contextualização destes documentos, configurando um recurso historiográfico importante. Para o estudo das fontes primárias no campo da educação, o trabalho com arquivos tem sido fundamental, pois possibilita o acesso a arranjos documentais que abrigam a diversidade de experiências institucionais e humanas das instituições escolares. Cabe destacar que os arquivos presentes em instituições escolares podem ter a função de guarda permanente dos documentos gerados pelo seu funcionamento, estabelecendo funções jurídicas, políticas e físicas, uma vez que contribuem com estratégias e ferramentas de gestão. O arquivo pessoal oriundo das práticas sociais de educadores, por sua vez, apresenta interessantes características de ações individuais contextualizadas em meios coletivos de trocas e afinidades sociais. Os arquivos pessoais refletem, portanto, o meio social e, possivelmente, as instituições que são transformadas ou mantidas pelos indivíduos. Conforme observa Ana Maria Camargo (2003, p. 2)

Aquilo que nos arquivos institucionais se evidencia a partir do conhecimento não apenas de estatutos, regulamentos e organogramas, mas também de espécies convencionais para o registro dos atos praticados, ainda que estes se alterem com o passar do tempo, torna-se opaco à primeira vista nos arquivos pessoais, ocasionando muitas vezes a exclusão de determinados itens como alheios ao conjunto ou como pertencentes a outros centros de custódia (bibliotecas e museus).

Quando os arquivos são incorporados em outros espaços de usos de suas fontes documentais, acumuladas organicamente mediante as funções matriciais da instituição, como os espaços de memória e de pesquisa histórica, eles expressam múltiplos sentidos aos acervos organizados. No contexto dos Centros de Memória, o diálogo entre as especificidades dos arquivos, bibliotecas e

museus ocorre de maneira profícua, potencializado pela aproximação das diversas fontes, objetos e suportes de elementos escritos, sonoros, iconográficos e audiovisuais. Como instituições relativamente inovadoras na organização documental dentro de instituições, como empresas privadas e equipamentos públicos, destacando-se a aplicabilidade deste modelo de custódia em escolas e universidades, os Centros de Memória permitem agregar experiências do arquivo, do museu e dos livros em sua ordem de funcionamento:

A ideia de que os centros de memória são um misto de arquivo, biblioteca e museu – e que extraem dessa mistura novas funcionalidades – não se esgota no inventário de suas afinidades e diferenças. É preciso verificar até que ponto constituem um espaço institucional realmente novo, o que implica verificar também em que medida seu aparecimento, no âmbito das organizações, reflete as profundas alterações ocorridas no mundo contemporâneo. (CAMARGO, 2013, p. 3)

Nesse sentido, será aqui abordado o caso *Arquivo João Pentead*, presente no Centro de Memória da Educação, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (CME-FEUSP), como experiência na organização de fontes primárias para a História da Educação. A instituição abriga a relação entre diferentes tipos documentais, expressivos também no contexto dos museus, bibliotecas e arquivos, e que, no ambiente deste Centro de Memória, coadunam configurações inúmeras de compreensão do passado escolar. O CME-FEUSP foi criado em junho de 1992, quando se aprovou a proposta de institucionalizar instâncias interdepartamentais para a produção de equipe de pesquisa História e Historiografia da Educação<sup>2</sup>. A formação da área temática de História da Educação e Historiografia em programas de pós-graduação em Educação, na década de 1990, e a criação do Grupo de Trabalho de História da Educação, na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), foram também decisivos, reforçando a importância da institucionalização de um Centro de

---

2 O grupo foi coordenado pela Profa. Dra. Marta Maria Chagas de Carvalho e era integrado pelas professoras Dra. Carmen Sylvia Vidigal de Moraes, Dra. Circe Fernandes Bittencourt, Dra. Cynthia Pereira de Sousa, Dra. Denice Bárbara Catani, Dra. Maria Cecília Cortez Christiano de Souza e Dra. Maria Lucia Spedo Hilsdorf (MORAES; SANTOS, 2021).

Memória para pesquisa no campo da História da Educação naquela faculdade (MORAES; SANTOS, 2021).

No âmbito do trabalho com as fontes primárias para a História da Educação, o *Arquivo João Penteado* foi doado ao Centro de Memória da Educação a partir de pesquisas na área, as quais promoveram as diferentes ações de recolhimento e guarda de documentos para custódia de um centro de documentação. A pesquisa da então estudante de mestrado, Tatiana da Silva Calsavara, em 2004, conectou o CME com os doadores de um complexo conjunto documental que envolvia documentos escritos e objetos variados que compunham a cultura material de uma escola com quase cem anos de existência.

João Penteado foi um educador, escritor e anarquista brasileiro, nascido em Jaú, viveu entre 1877 e 1965, em São Paulo. Seu percurso de vida e prática social construíram um singular conjunto documental que expressa momentos lacunares da história da forma escolar e da educação, sobretudo na perspectiva da História Social. Em vida, João Penteado conduziu um caminho permanentemente relacionado a contextos que envolviam a escrita (produção e guarda espontânea de documentos), tais como a escola, imprensa operária, anticlerical, anarco-sindicalista, espírita e o próprio movimento anarquista como ambiente comprometido com sua memória e história pessoais, diante das constantes ofensivas de apagamento, principalmente do Estado. Após seu falecimento, os documentos relacionados à longa vida de João Penteado ficaram guardados por sua família, que seguiu promovendo o funcionamento do então Colégio Saldanha Marinho, até 2002. Este contato, então, convergiu no acesso a documentos gerados pela vida institucional da escola, dirigida até 1965 por João Penteado, e pelo arquivo pessoal do educador, de valiosa importância para a compreensão do anarquismo e sua realização no campo da educação, no começo do século XX, na cidade de São Paulo.

É muito importante destacar a característica do movimento anarquista voltada para a intensa produção de conhecimento, de experiências formativas e educativas, da escrita como prática social e transformadora e da memória como forma de resistência, sendo a prática arquivística um processo genuí-

namente retrospectivo e prospectivo. Faz parte do movimento anarquista a forte produção e guarda documental por motivos significativos que podem ser rapidamente aqui elencados, como o fato do apagamento histórico pela destruição dos arquivos; a perseguição e prisão de anarquistas, o que os fazem figurar em arquivos estatais e policiais; a produção de conhecimento como autogestão do movimento, o que gera um imenso volume documental; a motivação explícita de anarquistas diante do cuidado com a memória, guardando documentos, procurando famílias perseguidas, documentos e livros perdidos; e toda a materialidade de um movimento de riquíssima potencialidade social que a política autoritária afunda no esquecimento histórico. Basta citar o exemplo do anarquista Edgard Leuenroth (KHOURY, 1997), jornalista que acumulou um imenso legado arquivístico que constitui atualmente o *Arquivo Edgard Leuenroth*, na Universidade Estadual de Campinas, representando um caso exemplar de organização arquivística, tratamento documental e disponibilização à comunidade. Os arquivos de anarquistas, assim como suas bibliotecas e centros de cultura são lugares de memória que têm o papel de fazer perdurar o ideário e a prática libertária. Representam, dessa forma, um exemplo vasto das permanências históricas mediadas pela constante atualização da vontade de memória<sup>3</sup>.

O *Arquivo João Pentead* consiste no arquivo permanente da Escola Moderna nº 1, criada no bairro Belenzinho por grupos anarquistas e anticlericais, sob inspiração das propostas pedagógicas racionalistas conectadas à trajetória do educador catalão Francisco Ferrer i Guardia, sendo parte de um projeto maior de escolas racionalistas criadas no Brasil, nesta época, como a Escola Moderna nº 2, no Brás, entre outras de norte a sul do país. O arquivo se compõe também das escolas que sucederam a Escola Moderna nº 1, fechada por ordem da Inspeção Geral da Instrução Pública de São Paulo, sob a gestão de Oscar Thompson. Essas escolas compõem, com a Escola Moderna, os fundos documentais do arquivo. Ao longo de aproximadamente 5 anos, o grupo de

---

3 Para uma revisão histórica sobre anarquismo e cultura, consultar: SOLÀ GUSSINYER *et al.* (2022).

pesquisadores do Centro de Memória da Educação fez recolhimentos diversos, em diálogo constante com os herdeiros-doadores.

Diante dessa configuração e arranjo documental, a vida do professor e as experiências das escolas racionalistas em São Paulo são notadas e evidenciadas pelos conjuntos documentais que compõem esse arquivo e que, somado a outros arquivos institucionalizados por universidades e mantidos pelo movimento anarquista, permitem compreender as lacunas que a história sustenta. O arquivo apresenta, por exemplo, um livro muito importante escrito por João Penteadado, chamado *Pioneiros do Magistério Primário* (1944), a partir do qual é possível conhecer sua formação escolar, quando aluno de Caetano Lourenço de Camargo, na primeira escola primária masculina de Jaú. Léó Vaz, no prefácio do livro, afirma que João Penteadado se formou de maneira autodidata, além do ensino primário, iniciando-se profissionalmente como tipógrafo, após ter exercido a função de carteiro particular, a serviço de seu pai, Joaquim de Camargo Penteadado, agente de Correio de Jaú.

Imagem 1 – João Penteadado e Joaquim Penteadado à esquerda e sua irmã, Sebastiana Penteadado, à direita.



Fonte: Arquivo João Penteadado – CME/FEUSP (1913).

Em 1911, o educador dirigiu-se a São Paulo em virtude do movimento anarquista e atuou como educador. João Penteado publicou muitos textos sobre educação, sociedade, política e religião em jornais do movimento operário e jornais relacionados ao espiritismo, sempre atuando como orador através de conferências e comícios. Além de *Pioneiros do Magistério Primário*, publicou também os livros *Digressão Histórica através da vida de Jaú* e *Esboço Histórico da Epopeia do Hidro-avião Jaú*, que são obras muito importantes para a configuração de seu arquivo pessoal. Nessas obras, escritas na década de 1950, embora tratasse de eventos da história de Jaú, Penteado não deixou de estabelecer relações com o pensamento anarquista, fazendo um importante esclarecimento sobre o conceito de pátria e reflexões sobre a teoria proudhoniana. Ao se referir ao local de nascimento das pessoas que biografou na obra, alertou para a necessidade de comentar a relação entre indivíduos e as limitações da nacionalidade, destacando o pertencimento a um local por vias muito mais amplas que o nascimento. Como assinala:

Embora ainda hoje tão respeitável, o conceito da Pátria, em certo sentido, torna-se absurdo, deixando mesmo de ser a expressão da verdade, porque o coração humano muitas vezes fala mais alto que todas as leis escritas sob o ponto de vista convencional do Direito, da Razão e da Justiça. [...] A bondade, pois, como todas as grandes virtudes, brilha e fulgura em todas as partes do mundo. A bondade na sua verdadeira acepção, não tem Pátria. E tanto isso é verdade, que para a gente poder ser boa, verdadeiramente boa neste mundo é preciso ter o coração grande, tão grande e tão cheio de amor que não possa caber dentro do próprio peito, nem dentro do estreito limite de uma cidade, de um Estado ou de uma nação. (PENTEADO, 1953, p. 12)

Penteado escreveu contos, peças teatrais e muitos textos teóricos sobre o anarquismo. Conviveu com figuras importantes da história do anarquismo no Brasil, como Edgard Leuenroth, Adelino de Pinho e todo um círculo de amizades e afinidades que se dedicou às práticas de autogestão e transfor-

mação social por meio da cultura, da escrita, do jornal e da escola (SANTOS, 2009). Diferente da Escola Moderna nº 2, que foi dirigida por Adelino de Pinho, a Escola Moderna nº 1 acumulou essa documentação provavelmente pela permanência de Penteado na escola como diretor até sua morte e pela iniciativa de sua família de guardar tudo por muitos anos. Após o falecimento de Penteado, em 1965, a família seguiu com a escola, de forma que João Penteado sempre representou um elo com o passado de um monumento educacional, que não se anunciava anarquista devido à perseguição. Já Adelino de Pinho<sup>4</sup> teve uma trajetória diferente, marcada por percalços econômicos, mudanças de cidade, situações de vida que não favoreceram o acúmulo documental que construiu João Penteado. Entretanto, há uma produção de Adelino na imprensa anarquista e no *Arquivo João Penteado* a partir das correspondências trocadas entre ambos e outros anarquistas, como Leuenroth, Pedro Catalo e Rodolfo Felipe. A escrita da história das escolas racionalistas e libertárias vem sendo realizada em função do constante e ininterrupto interesse pelo assunto há décadas e este arquivo tem grandes potenciais, sendo importante que novas pesquisas sejam realizadas, configurando o sentido de um lugar de memória e da configuração de um arquivo, como se anunciou no início deste texto. Embora muitas pesquisas tenham sido realizadas, há, ainda hoje, além dos possíveis recortes temáticos que podem ser efetuados pelos pesquisadores, documentos inéditos para serem contextualizados e pesquisados.

Cabe destacar que a organização do *Arquivo João Penteado* no CME representa um interessante caso de arranjo arquivístico, que se reporta a momentos de recolhimento das doações de documentos e objetos efetuados pelos familiares de João Penteado, à organização inicial de um grande volume documental transportado ao CME para que, então, fossem traçados os primeiros princípios de higienização, triagem, organização e acondicionamento de documentos. Tais atividades envolveram o trabalho de uma arquivista, de docentes

---

4 Para uma referência acerca da trajetória de Adelino de Pinho, acessar: Ahagon (2015).

envolvidos na organização, contextualização e estudo deste arquivo, bem como de um grupo de estudantes de graduação e pós-graduação que efetivou suas formações e produções de estudos secundários com base no processo de organização deste acervo<sup>5</sup>. Isso demonstra o quanto as atividades de um Centro de Memória em si proporcionam situações de pesquisa e aprofundamento teórico-prático no contexto no qual se inserem e representam historicamente determinadas práticas sociais.

O inventário analítico de fontes, instrumento de classificação formal e facilitador do uso pedagógico do arquivo, foi publicado pela Edusp e Editora Unifesp com o auxílio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), em 2013, como produção coletiva do grupo de pesquisa João Penteadado, incluindo artigos de seus integrantes, resultado do estudo das fontes levantadas (MORAES, 2014). O livro, *Educação Libertária no Brasil: Acervo João Penteadado – Inventário de Fontes*, teve como apresentação um belo texto de Antonio Arnoni Prado, a partir de parcerias de estudos sobre anarquismo junto a Doris Accioly e Silva, integrante do grupo e profunda estudiosa do anarquismo. Em novembro de 2013, para finalização do projeto “Educação e Cultura anarquistas: Escola Moderna e Escolas João Penteadado”, com o lançamento do livro *Educação Libertária no Brasil*, o auxílio da FAPESP oportunizou a vinda ao Brasil do professor da Universidade Autônoma de Barcelona, Pere Solà Gussinyer, pesquisador importantíssimo das escolas anarquistas na Espanha, como professor visitante, desenvolvendo atividades docentes e de pesquisa, cultura e extensão junto ao Centro de Memória da Educação (USP).

Há particularidades importantes a se destacar nessa documentação, sobretudo, considerando a relevância histórica que ela representa. Um conjunto documental que se vincule a um período de uma instituição escolar terá, provavelmente, grandes contribuições a trazer para a História da Educação. As

---

5 Arquivista Iomar Barbosa Zaia, coordenadoras profa. Dra. Carmen Sylvia Vidigal Moraes, profa. Dra. Doris Accioly e Silva, profa. Dra. Cecília Hanna Mate, pós-graduandos Luciana Eliza dos Santos, Tatiana da Silva Calsavara, Ana Paula Martins, Flávia Andrea Machado Urzua, Débora Pereira, Daniel Righi, Olga Fregoni e Fernando Antonio Peres.

inovações proporcionadas pelo ensino libertário, na sociedade da época, foram muitas. Abrangeram práticas – coeducação sexual e social; utilização de material didático e livros próprios – voltadas especificamente para o ensino racionalista; utilização da biblioteca, cinema, laboratório e de um museu para o ensino. Além disso, há também inovações propondo entendimentos sobre a razão, a ciência, o antidogmatismo e o anticlericalismo. Assim, o conteúdo proposto nestas escolas foi orientado por áreas de conhecimento como Leitura, Caligrafia, Gramática, Aritmética, Geometria, Geografia, Botânica, Zoologia, Mineralogia, Física, Química, Fisiologia, História, Desenho, etc. Isso demandou a criação constante de livros adequados para tal projeto, bem como materiais de formação de professores, como revistas de ensino. Tais características demonstram, orientam um acúmulo documental particular, pautado em interesses pedagógicos diferenciados que marcam a história da escola diante dos referenciais geralmente difusos pelas instituições dominantes.

Outro fator fundamental para o projeto educacional escolar libertário foi a permanente relação entre a família e a escola que, como diziam, facilitaria a “obra” dos pais e dos professores. Isso era possível através de reuniões organizadas em torno de festivais, nos quais se assistiriam a palestras, apresentações artísticas e conferências científicas. A escola oferecia aulas diurnas – ensino primário – e noturnas, voltadas para operários. A *Lanterna* de fevereiro de 1914 divulgou que a Escola Moderna nº 1 registrou, neste período, a frequência de 43 alunos (29 meninos e 14 meninas), todos filhos de trabalhadores. Divulgou também balancetes mensais contendo toda a receita e a despesa da escola, sob os auspícios da Sociedade Escola Moderna. A diversidade de práticas e objetos que está presente nas Escolas Modernas gera um tipo de materialidade escolar que resiste em seu arquivo e possibilita o desenvolvimento de uma Historiografia abrangente das lacunas históricas a partir das experiências que viveram, nos meios populares, as ações de oposição às instituições escolares e sociais dominantes e opressivas.

Imagem 2 – Curso Comercial de datilografia na Academia de Comércio Saldanha Marinho e produção do jornal O Início.



Fonte: Arquivo João Penteadó – CME/FEUSP (s.d.).<sup>6</sup>

### *Características e possibilidades do Arquivo João Penteadó*

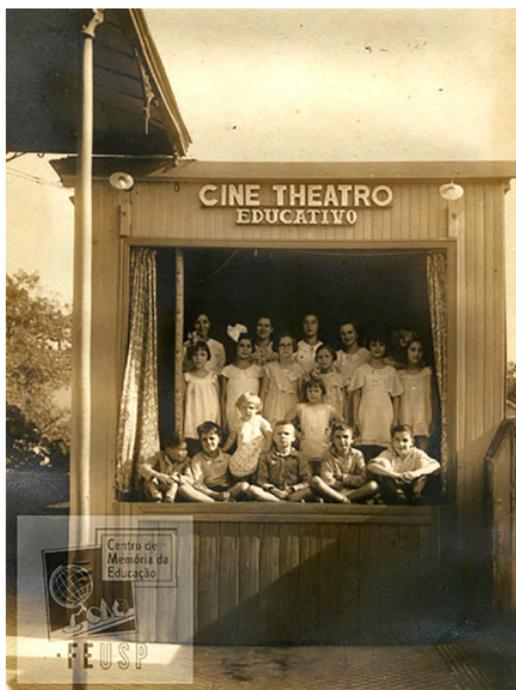
Organizado por princípios arquivísticos, o *Arquivo João Penteadó* passa a apresentar características de um arquivo de Centro de Memória, abrigando um significativo volume documental produzido pela escola e pela vida pessoal e profissional de João Penteadó. Em relação à forma como os documentos eram conservados pelo próprio Penteadó, e depois por sua família, um ponto a se observar refere-se às escolhas arquivísticas efetuadas em relação ao que o arquivo oferece, considerando sua organicidade e unicidade. O arquivo institucional possui os seguintes fundos: “Escola Moderna nº 1” (1912-1919); “Escola Nova” (1920-1923); “Academia de Comércio Saldanha Marinho” (1924-1943); “Escola Técnica de Comércio Saldanha Marinho” (1944-1948); “Ginásio e Escola Técnica Saldanha Marinho” (1948-1970); “Colégio Comercial Salda-

<sup>6</sup> Esta fotografia pertence ao Fundo Academia de Comércio Saldanha Marinho, que abrange o período de 1924 a 1943.

na Marinho” (1970-1981); “Ginásio Saldanha Marinho” (1981-s.d.); “Colégio Saldanha Marinho” (s.d.–2002). É constituído por cerca de 37.610 documentos administrativos e pedagógicos; 900 fotografias soltas e 24 álbuns de formaturas e outros eventos escolares, num total de 4800 fotos; rolos de filmes sobre eventos comemorativos e atividades esportivas; 300 exemplares dos jornais elaborados por professores e alunos, inspirados nas práticas da Escola Moderna; 200 manuscritos do fundador; cerca de 167 peças museológicas, como quadros, objetos do antigo laboratório para o ensino de Ciências e Geografia; maquinário das aulas de Datilografia, projetor de imagens de 16 mm, entre outros, além de móveis utilizados na escola e carteiras. As estantes da Escola Moderna nº 1 e nº 2, com o entalhe com o nome das escolas são peças muito importantes. Algumas contêm identificação de sua procedência ou ano de fabricação, como marcas brasileiras e estrangeiras (MORAES; SANTOS, 2022).

O Arquivo Pessoal, organizado separadamente, reúne aproximadamente 751 documentos: fotografias, correspondências e a produção intelectual de João Penteado, que abrange seus livros, peças de teatro, poemas, discursos, textos didáticos. Muitos desses textos eram publicados na imprensa e há inúmeros originais/rascunhos com anotações do autor. Vários deles passaram pelo processo de edição textual a partir da pesquisa de mestrado intitulada *A trajetória anarquista de João Penteado: leituras sobre educação, anarquismo e sociedade* (SANTOS, 2009). O Centro de Memória da Educação tem sob sua custódia parte da biblioteca escolar que estava alocada no prédio do Colégio Saldanha Marinho e foi recolhida em 2008. Constituída de 120 volumes, 14 periódicos e três apostilas elaboradas na escola, essa parte da biblioteca inclui obras pedagógicas, de conteúdo didático e outras voltadas ao ensino técnico comercial e da contabilidade, além daquelas relacionadas ao campo do espiritualismo, principalmente ao Espiritismo Kardecista e ao Espiritualismo de Krishnamurti. João Penteado foi também diretor e redator do jornal espírita *A Nova Revelação* e contribuiu com a publicação de artigos no jornal, também espírita, *O Natalício de Jesus*. Ambos eram, na década de 1910, filiados à União Espírita do estado de São Paulo. Esses jornais estão presentes no arquivo pessoal.

Imagem 3 – Cinema e teatro educativo.



Fonte: Arquivo João Penteadó – CME/FEUSP (1935).

É necessário destacar que a trajetória profissional de João Penteadó tem muito a contribuir para uma especulação inicial sobre a circulação de livros no movimento operário, sendo perceptível na variedade de obras que compõem seu acervo. Como educador, escritor e anarquista, a preocupação com os livros e com a formação de uma biblioteca fez parte de suas práticas sociais. Penteadó guardou em sua biblioteca pessoal uma importante representação do anarquismo. As formas de resistência deste ideário ao tempo, apropriações, alterações, interferências por meio das pesquisas expressam as problemáticas envolvidas ao cuidado que requer um conjunto documental, considerando os princípios de organicidade, proveniência, unicidade e integridade arquivística (cf. BELLOTO, 2008). Ainda que se trate de livros e de uma biblioteca, refere-se a um conjunto de obras constituído por uma intencionalidade, por um sujeito situado em um contexto sócio-histórico. As instituições de custódia têm o desafio de resguardar as características de proveniência da documentação.

Em relação à biblioteca de João Penteadó, parte se situa no Centro de Memória da FEUSP e outra parte na Unidade Especial de Informação e Memória, da Universidade Federal de São Carlos (UEIM-CECH), que tem a custódia de parte significativa das obras colecionadas por Penteadó, também doada por ocasião de uma pesquisa, neste caso, de Flávio Luizetto (1984). Assim, estando a biblioteca repartida em contextos de guarda diferentes, é possível, por meio do movimento da pesquisa, compreender as interferências e resistências no conjunto documental e o que isso representa para a integridade da memória diante do movimento anarquista. Há ainda sob os cuidados da UEIM-CECH documentos pessoais de João Penteadó, sendo muitos deles recortes dos jornais que publicaram seus textos, estando no CME-FEUSP os rascunhos e originais datiloscritos.

### *Um pouco da voz de João Penteadó nos documentos e em sua biblioteca*

O olhar sobre um arquivo escolar e a forte presença de um divulgador de ideias e práticas educacionais, culturais e sociais, como foi João Penteadó, permite reconhecer sua singularidade nas possíveis leituras de seus documentos. O processo de contextualização da documentação de João Penteadó evidenciou que, mediante a violência sofrida com a ordem de fechamento das Escolas Modernas pela Secretaria Geral da Instrução Pública, seus princípios relativos ao mundo e à sociedade, reforçando a defesa de uma proposta racionalista de educação, seriam sempre os mesmos. O pedido de *habeas corpus* – expedido por seu advogado, Luis Quirino dos Santos, ao presidente do Tribunal de Justiça do estado de São Paulo, logo após a ordem de fechamento da escola em 19 de novembro de 1919 – revela o quanto foi absurda e violenta a ação movida pelo governo paulista contra essas instituições educacionais. O documento que compõe o arquivo pessoal do João Penteadó é exemplo do quanto valioso é seu arquivo para o estudo temático que ele engendra e, tam-

bém, para a apreensão do pensamento e das posições de Penteadó diante do processo de fechamento de sua escola. O *habeas corpus* possibilita, dessa forma, possíveis compreensões acerca das formas de resistência dessas experiências em São Paulo, assim como dos modelos de supervisão e repressão daquilo que não convergia para as propostas educacionais centralizadoras do Estado, demonstrando a representação intelectual, elitista e nacionalista da época. Segue, a partir do *habeas corpus*, a seguinte ordem por Oscar Thompson direcionada a Penteadó:

São Paulo, 19 de novembro de 1919.

J. A.

n. 3239

Sr. João Penteadó

Diretor das Escolas Modernas – avenida Celso Garcia, 262, capital.

Tendo sido verificado, pela Secretaria de Justiça da Segurança Pública, que as escolas modernas, de que sois diretor, “visando a propagação de ideias anárquicas e a implantação do regime comunista, ferem de modo iniludível a organização política e social do país”, conforme se evidencia, pelos numerosos documentos enviados por aquela repartição a esta Diretoria Geral, hei por bem não só cassar a autorização de funcionamento concedida a vossa escola, a avenida Celso Garcia, 262, a qual, de hoje em diante, sob as penas da lei, está proibida de funcionar, bem como intimar-vos a fechar, do mesmo modo, imediatamente, desde hoje, em caráter definitivo, a escola moderna n.º2, que instalastes e fizestes funcionar sob a regência de Adelino de Pinho, a rua Maria Joaquina, n.º13, sem autorização desta Diretoria Geral, e em flagrante violação do artigo 30 da Lei n.º1579, de 19n de dezembro de 1917.

Saudações

Oscar Thompson.

(Protocolado a página 98 do livro competente)7.

---

7 Petição (de *habeas corpus*), expedida pelo Dr. Luis Quirino dos Santos ao Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo. Arquivo Pessoal – Arquivo João Penteadó.

O arquivo pessoal, além de apresentar inúmeros escritos de Penteado e correspondências pessoais de valor inestimável para a história do movimento anarquista, tem a qualidade de apontar, em evidências percebidas nas suas fontes, como João Penteado reagiu, retomou a discussão imposta pela repressão e resistiu como educador e diretor escolar por toda sua vida. Em um texto de seu arquivo pessoal dirigido ao ministro do Tribunal de Justiça do estado de São Paulo, intitulado *A Escola Moderna: um caso curioso*, no qual explicita a ingênua ou inocente proposição feita pela acusação com relação ao ensino do anarquismo e do comunismo na escola, evidencia as divergências e semelhanças entre as duas visões políticas, totalmente desconhecidas pela acusação. Ao final do documento, Penteado escreve a seguinte concepção sobre família, noção deturpada pela acusação ao diminuir a moral anarquista de forma equivocada:

O ideal de família, na Escola Moderna, merece, como sempre, a mais elevada consideração e respeito. E dizendo isto, acrescento mais que a minha existência, desde a infância, é o exemplo vivo desse amor que reputa o mais sagrado, o mais nobre, o mais dignificante, apesar das dificuldades que tenho precisado vencer para o cumprimento desse dever, que assumi para comigo mesmo, desde a idade de 14 anos, quando órfão de pai tomei a direção de meu lar que se compunha de mãe e quatro irmãos menores. E a minha condição de celibatário até hoje, com 42 anos de idade, deve-se a esse mesmo amor de família pela qual sacrifiquei os prazeres da juventude e parte das ilusões dessa ridícula quadra da vida (PENTEADO, s.d.).

Um fato interessante sobre esse trecho é a permanência dele como forma de expressar a visão de escola ao longo de seus 90 anos de existência. A família de Penteado, representada por sua sobrinha neta, Marli Alfarano, e esposo, Alvaro Alfarano, ao ser entrevistada sobre a questão do anarquismo na vida de João Penteado, ainda neste século, respondeu com muito receio que o edu-

cador foi um anarquista perseguido. Mas, em um documento utilizado por eles para divulgar o ideal da escola, utilizavam exatamente este trecho, evocando o ideal de família concebido por Penteadó em resposta às acusações sofridas por ser um professor anarquista. Até 2002, o trecho circulou vivo na escola, ainda que a família demonstrasse desconhecimento sobre sua história anarquista, ou não (SANTOS, 2009).

Estes elementos que compõem o arquivo pessoal exemplificam e aprofundam as possibilidades de incursões teóricas e análises renovadas sobre a resistência do ideário anarquista nessa época e nas décadas posteriores. O fato confirma a importância da preservação e do acesso aos acervos, que devem ser assegurados pelas unidades de conservação e memória. A figura de Penteadó, sua constância no trabalho com a educação e na relação com um grupo de anarquistas resistente em espaços anarquistas, como Centro de Cultura Social e a Nossa Chácara, ao longo de sua vida são contribuições que desmobilizam o entendimento de que o anarquismo foi banido pelo Estado ou substituído pelo comunismo a partir da década de 1920. Pelo contrário, o anarquismo está sempre presente nas lutas sociais e culturais de maneira internacionalista, como define seus princípios e conforme pode se perceber pela documentação do *Arquivo João Penteadó* e de outros anarquistas.

Retomando a biblioteca como conjunto documental do arquivo, o qual também corrobora a permanência do ideário anarquista como filosofia e prática social, cabe destacar algumas de suas características. A biblioteca de João Penteadó tem caráter pessoal por expressar suas escolhas e coleções de livros individuais, mas também institucional, porque, ao apresentar obras educacionais, políticas, filosóficas etc., reflete tanto a visão do educador como as propostas que poderiam ser difundidas na escola. A biblioteca reúne, em geral, diversos tipos de obras com finalidades distintas, por exemplo, literárias, filosóficas, livros didáticos, anais de eventos, almanaques, revistas, anuários, boletins, coleções, como *A biblioteca do Povo*, entre outros. Os assuntos va-

riavam entre educação, anarquismo, política, sociedade, filosofia, além de uma série de obras didáticas de diversas disciplinas. No que se refere aos livros didáticos, vários de seus títulos foram perdidos por não constarem no levantamento inicial, não sendo possível saber até que ponto a escola adotava obras utilizadas pelas escolas do Estado. Há a referência a cartilhas que eram constantemente utilizadas nas escolas tradicionais, como a série *Thales de Andrade*, a cartilha *Sodré e Coração infantil*, de Vicente Peixoto, atentando ao fato dos diferentes períodos que a biblioteca engloba.

O arquivo permite, assim, estudos comparativos sobre as obras que compunham a biblioteca pessoal de Penteado, obras de direção pedagógica das escolas tradicionais estatais ou privadas, bem como a movimentação de obras do movimento libertário. A biblioteca de João Penteado apresenta também uma significativa dimensão das origens das obras ligadas à questão social lidas pelos brasileiros, a partir da década de 1900. Provindos da Europa, há livros editados na Espanha (principalmente Barcelona), Itália e Portugal, tais como: *Bakunin, Dios y el Estado*, Barcelona; Elisée Reclus, *La vida en la tierra*, Valencia; Francisco Ferrer, *La escuela moderna*, Barcelona, 1912; Edmundo Gonzales-Blanco, *El federalismo expuesto por pi Margall*, Madrid; A. Hamon, *Psicologia del socialista-anarquista*, Valencia; Juan Bovio, *Las doctrinas de los partidos politicos en europa*, Valencia; Max Nettelau, *Critica libertaria*, Barcelona, 1922; Pietro Gori, *Ensaio y conferencias*, Barcelona, 1924; Sebastien Faure, *Il problema della popolazione*, Itália; Émile Zola, *Trabalho*, Lisboa, 1901; Tolstói, *A próxima revolução*, Lisboa, 1908; Eça de Queiroz, *O anarquista*, Porto, 1916; William Heaford, *A escola moderna de Barcelona*, Lisboa, 1910; Visconde E.M de Vogüè, Máximo Gorki: *Vida e Obra. A obra e o homem*, Lisboa, 1905; Jean Grave, *A sociedade moribunda e a anarquia*, Lisboa, 1908; E. Bossi, *A igreja e a liberdade*, Lisboa; Blasco Diaz, Francisco Ferrer e a *Semana trágica de Barcelona*, Lisboa, 1914; M. J. Nergal, *Evolucion de los mundos*, editada pela Publicaciones de la Escuela Moderna, Barcelona, s/d. São obras de um imenso valor teórico-prático para o ideário anarquista.

Além das obras, há diversos periódicos e revistas muito importantes para o estudo do anarquismo e da questão social, com publicações ácratas abundantes, oriundas da Itália, Espanha, França e Argentina, que correspondem ao período de 1911 até 1960: *Pensiero e Volonta*, (Roma, Quinzenal, Ano I – 1924 v.22-8, 10-16); *Volontá, Revista Anarchica mensile*, (Edizione RL, Napoli, Genova, Ano VII – 1954 v.11, Ano VIII – 1955 v.1, Ano XI – 1958 v. 1-6, Ano XIII - 1960 v.4, ano XVI – 1968 – v.6); *La revista blanca - Sociologia, ciencia y arte*. (Quinzenal. Barcelona, Ano I – 1923 junho n.1-14, Ano II 1924 janeiro n. 15-38, Ano III 1925 janeiro n. 39-63, Ano IV – 1926 janeiro n. 64-86, Ano V 1927 janeiro n. 87-88); *La societe nouvelle. Revue Internacionale*. (Seleicher Frères Editerus. Mensal, ano 17 - 1911 – dezembro n. 6, ano 17 – 1912 – n.7, 9, 10); *Pan - sintesis de toda ideia mundial* (Buenos Aires, Ano II, 1936, entre outros números).

Essas obras e periódicos que compõem o arquivo pessoal e a biblioteca de João Penteadado exprimem, assim, as resistências e potencialidades deste conjunto documental ao manter seguras, até os dias de hoje, fontes primárias como essas. É assim que um anarquista compreende a memória, por mais uma forma de ação e luta social.

Ainda tratando de potencialidades e características do arquivo, é oportuno destacar também a produção escrita de Penteadado que compõe o arquivo pessoal. Há muitos textos de ficção, contos e artigos que o educador publicava, principalmente em jornais e periódicos, os quais expressam temáticas referentes às relações humanas, às injustiças sociais, à educação e a um tema muito presente em seu discurso: a religião. Como grande admirador da obra e figura do grande escritor León Tolstoi, Penteadado critica a religião como instituição de poder e defende o espiritualismo e as ações de bondade do cristianismo. No conto chamado *Antídio*, publicado em 1911 no jornal espírita *Nova Revelação*, Penteadado desenvolveu uma interessante relação entre ideários historicamente marginalizados pela sociedade, como o anarquismo e o espiritismo.

mo, com base na trajetória de um personagem: Antídio. O conto está presente no arquivo pessoal na forma manuscrita e datiloscrita, com revisões do autor e, também, há versões já impressas em jornais nos quais o publicou. Os elementos mais presentes no discurso de Penteado, nesse primeiro período, são, portanto, definidos em função de sua inserção e ação sociais, ou seja, a educação – e a militância pelo ensino racionalista –, o anarquismo e o cristianismo pagão. Dentre essas esferas estão temáticas específicas, sincretizadas em seus textos, as quais são evidenciadas no arquivo pessoal.

### *Considerações finais*

Um arquivo não encerra uma história, ele abre possibilidades de se ler o passado a partir da presença humana daqueles que o acumularam e dos que o organizam e o investigam infinitamente. As pesquisas se complementam, dialogam, localizam novas fontes, suprem lacunas históricas, vivem o direito de investigar o passado. O arquivo cumpre, assim, o papel fundamental do acesso à informação proveniente dos contextos públicos ou privados da sociedade. Como afirma Belloto (2008, p. 23), os arquivos podem ser considerados recursos probatórios e esclarecedores que confirmam como a informação foi acumulada, como gerou uma determinada imagem e como se insere na sociedade que retrata.

Nessa perspectiva, reitera-se alguns elementos traçados por este texto. Num primeiro momento, a importância dos Centros de Memória como lugares de construção de conhecimento histórico para a educação, considerando também seu papel na formação de professores. As fontes primárias constituem novos olhares para o passado, utilizando-se, inclusive, das diversidades metodológicas no campo historiográfico e configurando espaços formadores de professores inseridos em ambientes que permitem enxergar o passado por meio de sua prova e materialidade. Em seguida, coloca-se a reflexão sobre a guarda documental de acervos provenientes de pessoas e movimentos

sociais pelas universidades. Os movimentos sociais constroem-se por meio de coletivos, e, em relação ao anarquismo, pela autogestão, sendo importante observar os significados da presença desses arquivos nas universidades, que, em contrapartida, possuem condições materiais de salvaguarda e difusão social das documentações. Ao tratarmos da especificidade da informação e do tratamento arquivístico das fontes, é importante considerar o ambiente de construção de fontes documentais, como aquelas geradas pelo movimento anarquista. As escolas racionalistas são escolas criadas pelos anarquistas para a sociedade que se queria modificar. O que fazem os arquivos com as informações que suas fontes contêm? A quem respondem as vozes que ressoam dessas fontes que ocupam as caixas dos arquivos, as estantes deslizantes, as paredes e as instituições de guarda? Cada arquivo enuncia uma história.

A percepção da resistência do anarquismo no ideário e nas práticas educativas de João Penteado está muito presente na composição de seu arquivo, que, de maneira abrangente, proporciona caminhos investigativos sobre a história, a permanência, a atualidade do anarquismo e de sua expressão educacional e cultural na sociedade contemporânea. Dessa forma, a organização desta documentação em um Centro de Memória pode promover acessibilidade e difusão de um material acumulado e guardado por muito tempo por anarquistas, num primeiro momento, e por herdeiros, num segundo. Esse campo analítico reflexivo marcado pela História da Educação e suas sinuosas lacunas historiográficas concentra o papel das instituições de custódia e de difusão de documentos, como os Centros de Memória, ao abrigarem a complexidade das pessoas, dos movimentos ou instituições que os geraram.

### *Referências*

AHAGON, Vitor Augusto. *A trajetória militante de Adelino de Pinho: passos anarquistas na educação e no sindicalismo*. 2015. Dissertação (Mestrado

em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

ALDABALDE, Taiguara Villela; GRIGOLETO, Maria Cristina. O traço da distinção: discutindo entendimentos sobre arquivos e memória. *Resgate – Revista Interdisciplinar de Cultura*, Campinas, v. 24, n. 2, p. 7-26, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8647862>. Acesso em: 12 jun. 2023.

BELLOTO, Heloisa Liberalli. A especificidade da informação arquivística. *Contracampo10*, Rio de Janeiro, p. 21-29, dez. 2008. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17285/10923>. Acesso em: 10 mar. 2023.

CALSAVARA, Tatiana da Silva. *Práticas da educação libertária no Brasil: a experiência da escola moderna em São Paulo*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

CAMARGO, Ana Maria. Arquivos pessoais: questões para um debate. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS (Anpocs), 2003, São Paulo. *Anais [...]*, São Paulo, 2003. p. 1-3.

CAMARGO, Ana Maria; GOULART, Silvana. *Centros de memória: uma proposta de definição*. São Paulo: Edições SESC, 2015.

KHOURY, Yara Aun. Edgard Leuenroth: uma vida e um arquivo libertários. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 17, n. 33, p. 112-142, 1997. Disponível em: [https://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID\\_REVISTA\\_BRASILEIRA=11](https://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID_REVISTA_BRASILEIRA=11). Acesso em: 11 jun. 2023.

LEUENROTH, Edgard. *Anarquismo*. Roteiro de libertação social. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1963.

LEUENROTH, Edgard. *A organização dos jornalistas brasileiros. 1908-1951*. São Paulo: COM-ARTE, 1987.

LIMA, Ananda Mendes. Difusão em Arquivos e o Centro de Memória – Unicamp. *Epigrafe*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 274-295, jul. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/epigrafe/article/view/173714>. Acesso em: 11 jun. 2023.

LUIZETTO, Flávio. *Presença do anarquismo no Brasil: Um estudo dos episódios literário e educacional -1900/1920*. 1984. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Carlos. 1984.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal; SANTOS, Luciana Eliza dos. O Centro de Memória da Educação (FEUSP): pesquisas e fontes documentais em História da Educação. *RIDPHE\_R Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo*, Campinas, v. 7, n. 0, p. 1-33, dez. 2021. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ridphe/article/view/16068>. Acesso em: 11 jun. 2023.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal *et al.* *Educação Libertária no Brasil – Acervo João Penteadó: Inventário de Fontes*. 1 ed. São Paulo: EDUSP/UNIFESP, 2013.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101> Acesso em: 11 jun. 2023.

PENTEADO, João. *Digressão histórica através da vida de Jaú e seus pró-homens*. São Paulo: [s.n.], 1953

SANTOS, Luciana Eliza dos. *A trajetória anarquista do educador João Penteadó: leituras sobre educação, cultura e sociedade*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SOLÀ GUSSINYER, Pere *et al.* Anarquismo Internacional: Educação, Cultura e Lutas Sociais. *RIDPHE\_R Revista Iberoamericana do Patrimônio Histórico-Educativo*, Campinas, v. 8, n. 00, p. e022001, dez. 2022. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ridphe/article/view/16120>. Acesso em: 11 jun. 2023

*Recebido em: 01 de outubro de 2022*

*Aprovado em: 11 de abril de 2023*